

## EDUCAÇÃO MIDIÁTICA, CULTURA DIGITAL E AS FAKE NEWS EM TEMPOS DE PANDEMIA

*MEDIA EDUCATION, DIGITAL CULTURE AND FAKE NEWS IN TIMES OF PANDEMIC*

Márcia Gorett Ribeiro GROSSI<sup>1</sup>  
Débora Cristina Cordeiro Campos LEAL<sup>2</sup>  
Mônica Ferreira da SILVA<sup>3</sup>

**RESUMO:** Frente à necessidade dos professores de auxiliarem os alunos a lidarem com a infodemia, uma vez que atualmente as salas de aula estão inseridas numa cultura digital, foi realizada uma pesquisa que teve como objetivo apresentar as possibilidades de desenvolver nos alunos um senso crítico em relação às informações que os cercam. Para tal, foi feita em 2021 uma pesquisa de abordagem qualitativa. De acordo com o objetivo traçado, o tipo de pesquisa foi a descritiva. Quanto aos procedimentos técnicos, optou-se pelas pesquisas bibliográfica e documental. Os resultados revelam a importância da educação midiática que abrange o desenvolvimento de competências para combater a desinformação e, ao mesmo tempo possibilita criar um ceticismo saudável, pois a escola é o ambiente que forma cidadãos midiáticos, onde os alunos constroem a relação com o conhecimento e a informação. A partir dessa necessidade, este artigo apresenta 12 dicas para identificar uma *fake news* e, sugere cinco atividades pedagógicas que ajudam na identificação dessas *fake news*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Midiática. Cultura Digital. *Fake News*.

### INTRODUÇÃO

O digital que já estava sendo incorporado nas rotinas das pessoas, seja no trabalho, no lazer e na educação, agora é uma realidade. A tecnologia passou ser considerada uma aliada imprescindível, principalmente nas escolas, quando as aulas presenciais foram suspensas para evitar a proliferação do coronavírus e foram substituídas pelo Ensino Remoto ofertado por meio da internet. Portanto, as escolas ficaram totalmente dependentes das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC).

<sup>1</sup> Doutora em Ciências da Informação pela UFMG; professora titular do CEFET-MG, lotada no Departamento de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica. E-mail: marciagrossi@terra.com.br  <http://orcid.org/0000-0002-3550-6680>.

<sup>2</sup> Mestre em Educação Tecnológica pelo CEFET-MG. Licenciada em Pedagogia pela UFLA. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela UFF. E-mail: deboracristinaleal@hotmail.com  <http://orcid.org/0000-0003-4969-9855>.

<sup>3</sup> Doutoranda em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG. Mestre em Meio Ambiente e Turismo pela UMA; coordenadora Pedagógica dos Programas de Pós-graduação (lato sensu) da Nova Faculdade. E-mail: monicaferreira.nova@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0002-4682-0974>.

<https://doi.org/10.36311/2236-5192.2021.v22esp2.p179>

É importante reconhecer que as TDIC já estavam sendo incorporadas gradualmente nos ambientes escolares, a educação estava ficando cada vez mais flexível, híbrida, digital, ativa e diversificada (MORAN, 2017), mas a “[...] pandemia da COVID-19 atropelou esse processo e acelerou o futuro da educação” (GROSSI, 2021, p. 1). Assim, as TDIC têm contribuído para a ressignificação do processo de ensino e aprendizagem, tornando as salas de aula digitais e incorporando de vez a cultura digital, a qual “está relacionada à comunicação e à conectividade global, ao acesso e à produção de conteúdo de forma veloz, interconectada, autônoma e mediada pelo digital, através das redes distribuídas” (HEINSFELD; PISCHETOLA, 2017, p. 1352).

Nessa perspectiva, percebe-se que a cada dia estamos mais conectados. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresentados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) apontam que o número de usuários de internet no Brasil aumentou. Em 2017, a internet foi utilizada em 74,9% dos domicílios brasileiros, em 2018 o número cresceu para 79,19%. Ainda de acordo com a pesquisa, entre os brasileiros com 10 anos ou mais de idade, a utilização da internet subiu de 69,8%, em 2017, para 74,7%, em 2018. Acredita-se que na próxima pesquisa esses números estarão maiores, principalmente devido ao *homeoffice* e as aulas remotas, consequência do isolamento social que a pandemia da COVID-19 impôs.

Toda essa conectividade trouxe consigo um novo jeito de viver, amparado por novos conceitos, terminologias e expressões. E com a internet a “[...] informação passou circular de maneira mais livre e imprevisível, essa característica apresenta consequências positivas e negativas para o convívio democrático” (SORJ; NOUJAIM, 2021, p. 73). Nesse sentido, Bortolazzo (2018) destaca que:

[...] as expressões novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), mídia digital, cultural digital – entres outros termos que conectam meios de comunicação, mídia, sociedade e tecnologia – têm sido associadas a certa visão, na maioria das vezes, positiva, do futuro (BORTOLAZZO, 2018, p. 34).

Esse acesso às informações, principalmente na internet, tem provocado uma avalanche informacional como já alertava Lévy (1999) e, contribuído com a infodemia. Essa expressão é definida pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) como um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico como, por exemplo, a pandemia da COVID-19.

Como consequência, a OPAS (2020) afirma que surgem rumores e desinformação, além da manipulação de informações com intenção duvidosa. “Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra mais rapidamente, como um vírus” (ZAROCOSTAS, 2020, p. 676), pois para Sorj e Noujaim (2021):

[...] neste universo de informações, facilmente se perde a noção da qualidade da informação recebida, desaparecendo as fronteiras entre as notícias disseminadas por jornalistas e pela imprensa institucionalizada e opiniões pessoais ou de produtores de *fake news*, que visam a desinformação (SORJ; NOUJAIM, 2021, p. 73).

É aí que se percebe a importância da educação midiática que abrange o desenvolvimento de competências para combater a desinformação e “[...] ajuda as pessoas a encontrar o equilíbrio entre a confiança nas fontes de notícias e a desconfiança necessária para questioná-las” (ABU-FADIL, 2018, p. 79), criando um ceticismo saudável.

Diante desse cenário, surgiu a questão norteadora desta pesquisa: Como o professor pode auxiliar o aluno a lidar com a infodemia? Para responder essa questão, o objetivo deste artigo foi apresentar as possibilidades de desenvolver nos alunos um senso crítico e analítico em relação às informações que os cercam.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### EDUCAÇÃO MIDIÁTICA

Conforme a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura UNESCO (2017) educação midiática trata-se de uma série de competências a fim de que os alunos sejam aptos a analisar e avaliar uma informação, e deste modo interagir na sociedade de forma crítica e reflexiva, dentro do contexto tecnológico que envolve uma variedade de ferramentas e plataformas de mídia. Hobbs e Jensen (2009) já pontuavam que:

A educação midiática requer questionamento ativo e pensamento crítico a respeito das mensagens que criamos e recebemos; é uma conceituação expandida de alfabetização; desenvolve competências para aprendizes de todas as idades e requer uma prática integrada, interativa e repetida; seu propósito é desenvolver participantes informados, reflexivos e engajados, essenciais para uma sociedade democrática; as mídias são vistas como parte da cultura e funcionam como agentes de socialização; e as pessoas usam suas competências, crenças e experiências para produzir sentidos para as mensagens das mídias (HOBBS; JENSEN, 2009, p. 7).

A partir dessa perspectiva, pode-se afirmar que o propósito maior da educação midiática é estimular o senso crítico para que crianças e jovens sejam capazes de entender a natureza da mídia e o seu gênero, para então analisar a informação corretamente, refletindo sobre o papel de quem produz a informação e quem a recebe.

A educação midiática, também pode ser vista como um conjunto de habilidades para que o indivíduo seja capaz de compreender e utilizar corretamente as mídias, tornando-se capaz de ser um cidadão ativo na sociedade midiática.

Torna-se urgente, portanto, que professores, pais e educadores de forma geral, estejam capacitados para lidar com esta realidade do contexto atual, e que possam desenvolver conhecimento e atitudes para levar o tema a sala de aula. Assim novos desafios veem surgindo a cada dia, devido as mudanças que vêm ocorrendo no âmbito da educação e que devem ser superadas pelos professores (BLASZKO et al., 2021).

Esta discussão é relativamente recente, contudo, o estudo sobre o impacto da tecnologia nos meios de comunicação, em cima dos avanços de mídias como rádio, televisão e posteriormente a internet, associado ao crescimento do uso de *smarthphones*, que facilita o recebimento de informações de diferentes redes, fez com que a discussão se ampliasse, deixando de ser assunto apenas nos cursos de comunicação social e passando para o campo educacional de forma mais ampla.

## A CULTURA ESCOLAR EM CONSONÂNCIA COM A CULTURA DIGITAL

Uma das formas de alavancar a aprendizagem dos alunos é proporcionando estímulos coerentes com a cultura tecnológica empregada na sociedade, promovendo experiências de aprendizagem diferenciadas e em consonância com a cultura digital, seja por metodologias a distância ou híbridas. As maiores vantagens da educação *online* são a flexibilidade, a acessibilidade, experiências de aprendizagem únicas e personalizadas e o custo-benefício.

Seja na modalidade a distância, ou presencial, a escola é o ambiente ideal para a formação de cidadãos midiaticamente formados, pois é o lugar onde crianças e jovens constroem a relação com o conhecimento e a informação. E nas palavras de Blaszko et al. (2021, p. 4) “[...] a educação é um processo de emancipação e transformação do ser humano”.

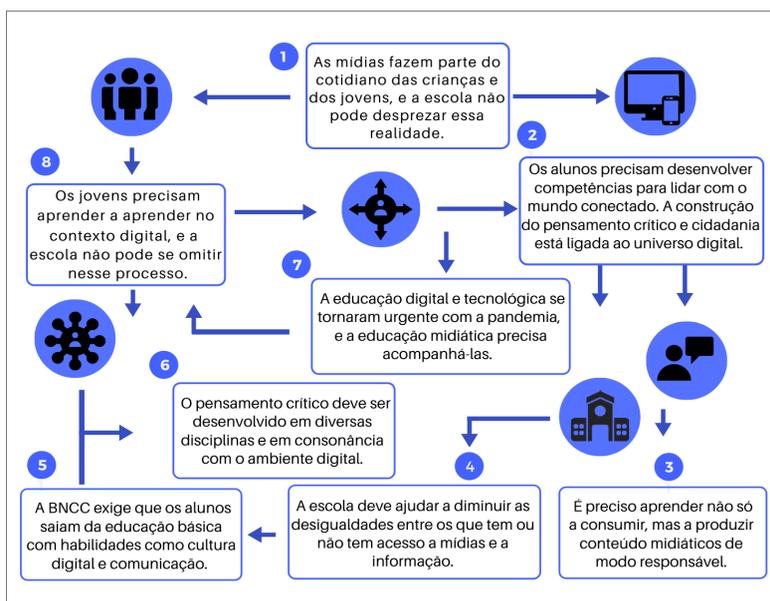
Logo, todas as interações que ocorrem no espaço escolar influenciam a aprendizagem e o desenvolvimento dentro dos espaços são de grande influência no desenvolvimento e aprendizagem da criança. Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998):

[...] (...) o conhecimento é construído a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação (BRASIL, 1998, p. 21-22).

Sob essa perspectiva, a “[...] nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reorganizou o ensino para a promoção de dez competências gerais, que concorrem, no âmbito pedagógico, para o desenvolvimento e aprendizagem dos educandos” (CANETTIERI et al., 2021, p. 2). Ela cita como pontos a serem trabalhados: as mídias, o jornalismo e a cultura digital (BRASIL, 2017). Desta forma, o programa de Educação Midiática da Educamídia (2021), expõe oito razões que refletem a

importância do debate sobre as mídias, representadas aqui na Figura 1. Ressalta que essa Figura foi feita utilizando o aplicativo gratuito Canva (<https://www.canva.com/>).

**Figura 1** - Razões para o debate das mídias nos ambientes escolares.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Com essas percepções, o alerta de Mandelli (2019) se torna cada vez mais atual: a sociedade conectada tem novas práticas de ensinar e aprender. Logo, em um mundo conectado a educação precisa se adaptar para se manter relevante, a tecnologia deve estar presente nas práticas pedagógicas. Porém, no caso do Brasil ser um país desigual como demonstrado por Cavalcante (2020) em um relatório produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e, com acesso precário a tecnologias para grande parte da população, é fundamental ter políticas públicas educacionais que favoreçam a educação midiática, para que as crianças e jovens desenvolvam na escola todas as habilidades e competências para participarem ativamente da sociedade. Mas, é preciso lembrar que as mídias não são um passatempo trivial, visto que essas têm relação com o conteúdo escolar. Se assim não for, condenaremos a própria educação à irrelevância (BUCKINGHAM, 2019).

### ***FAKE NEWS: A DESINFORMAÇÃO NA CULTURA DIGITAL***

Gadotti (2019) afirma que propagação de mídias rápidas muitas vezes espalham informações conforme determinados interesses, fazendo com que o leitor

ou telespectador tenha uma percepção desvirtuada sobre determinado assunto, caso ele não faça uma análise crítica da mensagem que recebe. Muitos não buscam outras fontes de informações e dessa forma acreditam em notícias falsas, compartilham e reforçam mensagens sem uma análise prévia. Dessa maneira, em meio à avalanche informacional por meio das redes de comunicação, surge a necessidade de se criar uma postura crítica diante dos conteúdos que são produzidos e que circulam de forma massiva e rápida.

Um fenômeno que tem gerado discussões na sociedade e no âmbito educacional, que atua sobre o poder das redes de comunicação são as chamadas *fake news* ou notícias falsas, as quais não tem compromisso com o conteúdo que transmite, diferente do jornalismo profissional, o qual tem uma responsabilidade legal pelas notícias que são produzidas e transmitidas, com data e indicação das suas fontes de informação (SORJ; NOUJAIM, 2021).

As *fake news* são conteúdos que geram diversos tipos de prejuízos para pessoas, empresas, instituições e para a sociedade como um todo. “A característica das notícias falsas é que elas são um esforço sistemático para desinformar/intoxicar a população, que procuram desvincular o cidadão dos veículos profissionais de informação, tanto na sua produção quanto na sua difusão” (SORJ; NOUJAIM, 2021, p. 74).

Logo, as *fake news* produzem nos indivíduos pensamentos errôneos sobre determinado assunto, causam difamação, guerra de opiniões, polarização de ideias, acirramentos ideológicos, violência, intolerância e sobretudo desinformação. Entretanto, Frias Filho (2020) lembra que essas notícias falsas não são um fenômeno novo, elas sempre existiram. Para o autor, o que é novidade é que “[...] a novidade não está nas *fake news* em si, mas na aparição de um instrumento capaz de reproduzi-las e disseminá-las com amplitude e velocidade inauditas” (p. 42). Desta maneira, as *fake news* são um tipo de subproduto da comunicação de massa, capaz de se espalhar e se multiplicar numa velocidade surpreendente, interferindo diretamente na formação dos indivíduos para a cidadania e para a democracia.

Do ponto de vista da neurociência, o cérebro apresenta uma tendência para propagar *fake news*, devido ao raciocínio motivado, o qual está relacionado à ideia de que os processos cognitivos dos indivíduos são tendenciosos a acreditar no que está de acordo com sua visão de mundo, ou seja, no que ele já acredita, em comunhão com suas crenças e valores. Nas suas crenças. E, no caso de quem propaga as *fake news*, são indivíduos que não pensam cautelosamente, possuem um cérebro preguiçoso e deturpam as informações e não fazem uma associação verídica dos fatos (BAGO et al., 2020).

Outro termo que se relaciona às *fake news* e que tem sido objeto de estudo em diversas áreas, é a chamada pós-verdade. Segundo o Oxford dictionaries (2016, *online*), a pós verdade é “um adjetivo relacionado ou evidenciado por circunstâncias em que fatos objetivos têm menos poder de influência na formação da opinião

pública do que apelos por emoções ou crenças pessoais”. Isto é, as pessoas acreditam que determinada informação é real, ainda que não seja e, acabam se furtando de averiguar a veracidade ou de procurar debates e opiniões contrárias.

Com isso, surge a necessidade de promovermos uma educação que permita aos indivíduos a apropriação das linguagens utilizadas nas mídias, para que leiam e produzam conteúdo com criticidade.

Nesse sentido, Soares (2011), apresenta as possibilidades que as mídias oferecem aos professores:

- a apropriação dos recursos midiáticos a partir do ponto de vista, dos interesses e das necessidades de quem deles se apodera;
- o desenvolvimento de habilidades e competências pré-existentes, mas até então pouco estimuladas;
- a ampliação da capacidade de expressão dos indivíduos;
- a promoção do diálogo entre os vários agentes do processo educativo;
- o uso da tecnologia para a mediação de conflitos e a promoção de valores humanos e solidários na escola;
- a discussão de temas transversais como sexo, direitos e cidadania, violência e meio ambiente, de forma natural, franca e aberta;
- a promoção da gestão participativa dos meios de comunicação, da informação e do próprio espaço escolar;
- um comprometimento maior dos sujeitos com a transformação social.

Por isso, um processo de ensino e aprendizagem comprometido com a educação midiática favorece o desenvolvimento do cidadão para que seja um leitor do mundo de forma crítica e participativa.

### **ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA E INFORMACIONAL**

O debate das *Fake news* multiplicados pelos meios de comunicação trazem a discussão de outro termo, a Alfabetização Midiática e Informacional (AMI). A AMI remete a um conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos, sejam eles impressos ou digitais.

Ou seja, trata-se de uma capacitação do indivíduo para a utilização adequada dos diferentes tipos de mídias, promovendo conhecimento necessário para interpretar e produzir conteúdos de forma consciente e crítica. A autonomia

do indivíduo no campo comunicacional, cria o conceito de autocomunicação. Segundo Castells (2013):

Nos últimos anos, a mudança fundamental no domínio da comunicação foi a emergência do que chamei de autocomunicação – o uso da internet e das redes sem fio como plataformas da comunicação digital. É comunicação de massa porque processa mensagens de muitos para muitos, com o potencial de alcançar uma multiplicidade de receptores e de se conectar a um número infindável de redes que transmitem informações digitalizadas pela vizinhança ou pelo mundo. É autocomunicação porque a produção da mensagem é decidida de modo autônomo pelo remetente, a designação do receptor é autodirecionada e a recuperação de mensagens das redes de comunicação é autosselecionada (CASTELLS, 2013, p. 15).

À vista disso, conforme o autor, os conteúdos que circulam na rede e também que os que são produzidos, contam com um espaço aberto para novas expressões e articulações, garantindo direitos fundamentais. Um deles, explicitado no Artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), de 1948, que diz: “Todo ser humano tem direito a liberdade de opinião e expressão; esse direito inclui a liberdade de opinar livremente e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios, independentemente de fronteiras” (BRASIL, 2018, *online*).

## METODOLOGIA

Nesta pesquisa, realizada em 2021, optou-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa. De acordo com o objetivo traçado, o tipo de pesquisa foi a descritiva, a qual segundo Gil (2002) faz a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Quanto aos procedimentos técnicos, optou-se pelas pesquisas bibliográfica e documental. No caso da pesquisa bibliográfica o levantamento das referências teóricas foi feito a partir das fontes já analisadas e publicadas, tais como: livros, artigos, entre outros (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Já para a pesquisa documental o levantamento de referências teóricas foi feito a partir de fontes que ainda não tiveram um tratamento analítico, tais como: relatórios, documentos oficiais, dentre outros.

Para fazer o levantamento bibliográfico foram selecionados os seguintes autores/temas, tais como: Moran (2017), Heinsfeld e Pischetola (2017), Mandelli (2019), Soares (2011): que se dedicaram aos estudos sobre novas práticas de ensinar e aprender ressignificando a educação, tornando-a mais híbrida e digital, bem como a alfabetização midiática e informacional. Bortolazzo (2018), Sorj e Novjain (2021), Buckingham (2018), Lévy (1999): que se dedicaram aos estudos sobre as novas tecnologias de informação e comunicação, sobre as mídias digitais e a cultura digital. Zarocostas (2020), Abu-Fadil (2018), Hobbs e Jensen (2009), Murphy et al. (2019), Gadotti (2019), Bago et al. (2020), Frias Filho (2020): que se dedicaram aos estudos

sobre *fake news*, desinformação, educação midiática e competências para analisar informações. Grossi (2021), Vattino (2020): que se dedicaram aos estudos sobre a pandemia da COVID-19.

Para fazer o levantamento documental foram considerados as informações da BNCC (BRASIL, 2017), da UNESCO (2017), e do *Guia da Educação Midiática* (EDUCAMÍDIA, 2021), a fim de apresentar dados sobre mídias, jornalismo e cultura digital. Foram feitas consultas nos relatórios do IBGE de 2017, apresentados pela PNAD, sobre número de usuários de internet no Brasil e, ao IPEA de 2020 para verificar a questão do acesso à informação e a desigualdade no Brasil. Para verificar o conceito de pós-verdade, foi usada a informação do *Oxford dictionaries* (2016). Declaração Universal dos Direitos Humanos (BRASIL, 2018) sobre o direito a liberdade de opinião e expressão. Por fim, foram verificadas informações da OPAS (2020) sobre infodemia e a desinformação em tempos de pandemia.

## RESULTADOS E ANÁLISES

Como posto na Figura 1, são diversas as razões pelas quais a educação midiática deve ser trabalhada em sala de aula e fora dela, seja qual for o nível de ensino. Além disso, é inteiramente possível trabalhar os conteúdos das mais diversas disciplinas abordando de forma concomitante a educação para as mídias.

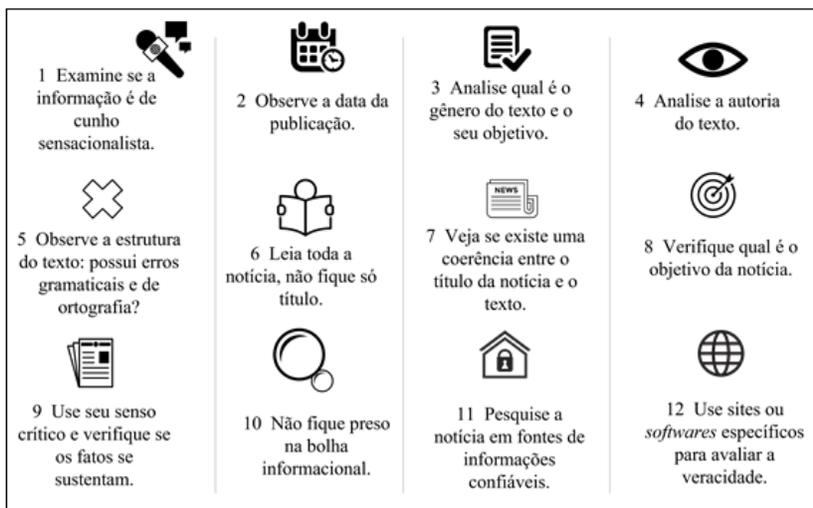
As mídias estão inseridas no contexto de vida de crianças e jovens, e o uso dessas tecnologias se tornou ainda mais urgentes e presentes no contexto da pandemia. É papel da escola fomentar uma discussão que leve os alunos à reflexão quanto ao uso das mídias em diversos contextos, incluindo as escolares, tanto no papel de receptor, quanto no papel de produtor, para se comunicarem, disseminarem informações, resolverem problemas, e assim, se tornarem protagonistas e autores da vida individual e coletiva.

Seja qual for a etnia, crença ou nacionalidade, o cumprimento de direitos e deveres são princípios fundamentais na vida de todo cidadão, para boa convivência em sociedade. Isso inclui fazer bom uso de bens e recursos, incluindo os tecnológicos. O cidadão quando educado para a cidadania digital, torna-se habilitado para respeitar as normas e leis que regem essa utilização. E essas habilidades nem sempre são fáceis de desenvolver, tendo em vista a velocidade das transformações no mundo digital.

Outro ponto observado na pesquisa, é o fato da BNCC exigir que os alunos adquiram a competência digital. O documento reforça a necessidade de se fazer um uso responsável da tecnologia, abarcando ações como compreensão, utilização e criação das TIDC, de forma significativa, crítica e reflexiva, sendo capaz de distinguir comportamentos e atitudes adequadas e inadequadas. Essa competência citada pela BNCC reconhece o importante papel da tecnologia e seu impacto na sociedade e na vida individual do sujeito, nas relações sociais e culturais.

Portanto, frente à importância da educação midiática que abrange o desenvolvimento de competências para combater a desinformação e permite criar um ceticismo saudável, pode-se dizer que agora é o momento de se pensar em práticas pedagógicas que auxiliem o aluno a lidar com a infodemia. A partir dessa necessidade, este artigo apresenta 12 dicas (Figura 2) para identificar uma *fake news* e, cinco atividades pedagógicas que ajudam na identificação de *fake news*. Vale informar que os ícones utilizados na Figura 2 são de um bando de imagens gratuitas chamado *Freepik* (<https://br.freepik.com>).

**Figura 2** - 12 dicas para identificar uma *fake news*.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Não é fácil identificar as *fake news*, mas acredita-se que essas 12 dicas podem ajudar os alunos verificar a credibilidade das informações divulgadas na internet, identificando as fontes de notícias seguras e verificando a veracidade das notícias em todos os seus aspectos, sempre as questionando e tendo um ceticismo saudável, conforme assevera Abu-Fadil (2018).

Acompanhado esse pensamento, pode-se dizer que essas dicas permitirão que os alunos façam análises críticas das mensagens recebidas, como preconiza Gadotti (2019), de forma que eles não fiquem só na superficialidade das notícias e nem presos nas bolhas informacionais, que são “[...] ambiente, especialmente *online*, em que as pessoas são expostas apenas à informações e opiniões que confirmam aquilo em que já acreditavam” (EDUCAMÍDIA, 2021, *online*).

Ainda sobre as informações da Figura 2, vale salientar que na 3ª dica, o gênero de um texto pode variar, podendo ser de cunho informativo, opinativo,

utilitário, publicitário, dentre outros. E, na dica nº 12 um exemplo para verificação da veracidade de uma notícia é a plataforma *Fake Check* (disponível em: <http://nilc-fakenews.herokuapp.com/>).

A partir dessas 12 dicas, foram elaboradas cinco atividades a serem desenvolvidas com os alunos de diferentes níveis de ensino, desde o ensino fundamental até o ensino superior para ensiná-los a identificar as *fake news*, trabalhando suas habilidades críticas para que eles possam aprender a conviver com visões diferentes das suas.

Essas são novas maneiras de ensinar e aprender em uma sociedade conectada (MANDELLI, 2019) e que precisam de novas e inovadoras práticas pedagógicas. Nesse sentido, Blaszkó et al. (2021, p. 7) lembram que “[...] as práticas pedagógicas inovadoras possibilitam que professores e alunos possam produzir, questionar, construir e criar conhecimentos”. A seguir as atividades sugeridas:

**1ª) Atividade Debate e mural:** O professor traz uma notícia falsa e começa o debate envolvendo toda a turma, sempre realçando as consequências que esta notícia pode acarretar. Em seguida, ele divide a turma em grupos e pede para cada grupo fazer um infográfico de como evitar uma falsa notícia e, posteriormente, eles criam um mural com os infográficos. Essa atividade remete à percepção do engajamento e formação de pensamento crítico dos alunos e corroboram com a percepção de Hobbs e Jensem (2009) sobre a necessidade de uma educação midiática que requer alunos questionadores a respeito das mensagens que criamos e recebemos.

**2ª) Atividade Verdadeiro ou Falso:** O professor apresenta para a turma as 12 dicas para identificar as *fake news*. Em seguida, ele entrega para os alunos uma ficha que contém várias notícias e pede que eles: identifiquem o gênero textual, marquem as notícias verdadeiras com V e as Falsas com F e justifiquem suas respostas. O Quadro 1 apresenta um exemplo de como essa atividade pode ser elaborada, lembrando que as duas primeiras colunas serão elaboradas pelo professor e, as três últimas colunas deverão ser preenchidas pelos alunos.

**Quadro 1** - Atividade *Fake news*: Verdadeiro ou Falso.

Notícias		Gênero textual	Verdadeira (V) ou Falsa (F)	Justificativa das respostas
Título da notícia	URL			
Flores de Fukushima nascem deformadas quatro anos após acidente nuclear	<a href="https://agenciasertao.com/2015/10/13/flores-de-fukushima-nascem-deformadas-quatro-anos-apos-acidente-nuclear/">https://agenciasertao.com/2015/10/13/flores-de-fukushima-nascem-deformadas-quatro-anos-apos-acidente-nuclear/</a>	Artigo jornalístico	F	Um japonês espalhou a notícia em sua rede social com as imagens das flores, contudo a notícia é falsa. A real causa seria uma má-formação causada por um desequilíbrio hormonal que faz com que elas aumentem de peso e volume. Uma análise a fazer é com relação à sua execução: como esta informação esta sendo apresentada e qual o seu propósito.
Feijão por cima do arroz será considerado ocultação de bens	<a href="https://www.sensacionalista.com.br/2020/09/11/feijao-por-cima-do-arroz-sera-considerado-ocultacao-de-bens/">https://www.sensacionalista.com.br/2020/09/11/feijao-por-cima-do-arroz-sera-considerado-ocultacao-de-bens/</a>	Site de humor	F	A principal dica de inveracidade é a sua fonte, pois trata-se de um site de humor. Neste caso, o objetivo do texto, seu propósito maior é causar graça, contudo se não for bem interpretado, algumas pessoas podem desconsiderar a ironia presente no texto e tomar como verdade.
Organização de defesa dos animais pede às pessoas que matem iguanas sempre que possível.	<a href="https://tvi24.iol.pt/internacional/iguanas-verdes/organizacao-de-defesa-dos-animais-pede-as-pessoas-que-matem-iguanas-sempre-que-possivel">https://tvi24.iol.pt/internacional/iguanas-verdes/organizacao-de-defesa-dos-animais-pede-as-pessoas-que-matem-iguanas-sempre-que-possivel</a>	Notícia internacional	V	Além de fazer a checagem da notícia em um site com esse fim, uma recomendação neste caso, ainda que a notícia pareça estranha, (pedir aos moradores para matarem os animais) é analisar todo o contexto e também as evidências. A evidência foi o argumento de que os animais não são nativos da região e ameaçam todo o ecossistema.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Cabe enfatizar que, quando o professor trabalha com o gênero opinativo em sala de aula, isto é, um artigo de opinião, não caberia afirmar que se trata de uma nota verdadeira ou falsa, tendo em vista que são resenhas totalmente subjetivas, com as opiniões pessoais expressas de colaboradores e editores. Todavia, infelizmente nem sempre é possível para o leitor identificar em um editorial o artigo de opinião, pois ele nem sempre estará identificado como tal. Uma dica neste caso é tentar identificar se há linguagem tendenciosa ou interesses ocultos por trás do texto.

Cabe dizer que aquilo que se conhece por notícias falsas são meras invenções com intenções nebulosas, que imitam o jeito dos grandes veículos de publicar. Desse jeito, o leitor ao ver aquela informação, acredita que ela foi tratada, apurada devidamente e publicada por uma equipe responsável e profissional, o que muitas vezes não é o caso. Ou seja, as *fake news* usam a credibilidade jornalística a favor delas, neste caso um jornalismo não profissional. Pois, o jornalismo profissional, como lembrado por Sorj e Noujain (2021) tem credibilidade pelas notícias que transmite com data e indicação das suas fontes de informação. Deste modo, é importante desconfiar de *sites* e *blogs* que não são muito conhecidos e buscar saber quem financia a página e quais as suas verdadeiras motivações.

**3ª) Atividade *Flash Cards* e troca de ideias:** O professor divide a turma em pares e entrega para cada par um conjunto de cartas com perguntas sobre *fake news* e suas consequências. Cada aluno faz uma pergunta para seu par de forma que eles debatam sobre o assunto. Ao final, o professor faz a mediação com toda a sala, gerando discussão sobre as questões. No Quadro 2 tem um exemplo dessa atividade com nove cartas (frente e verso), criada pelas autoras, baseado nos *flashes cards* disponibilizados pelo programa de Educação Midiática (EDUCAMÍDIA, 2021) e, os ícones utilizados são de um bando de imagens gratuitas chamado *Freepik* (<https://br.freepik.com>).

**Quadro 2** – Exemplos de atividades com *flashes Cards*.

Cartas	Frente	Verso
1ª	<p>TEMA: <b>DESINFORMAÇÃO</b></p> 	 <ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual sua reação ao receber uma mensagem falsa pelo grupo de whatsapp?</li> <li>• De que forma uma informação falsa pode ser prejudicial à comunidade?</li> <li>• O que você faz para descobrir se uma informação é falsa ou não?</li> </ul>

2 <sup>a</sup>	<p>TEMA: <b>FAKE NEWS</b></p> 	 <ul style="list-style-type: none"> <li>• Para você o que configura uma fonte confiável?</li> <li>• Você costuma verificar a veracidade das informações que recebe?</li> <li>• Quais são os aspectos analisados por você para descobrir se uma informação é falsa ou não?</li> </ul>
3 <sup>a</sup>	<p>TEMA: <b>COMPARTILHAMENTO</b></p> 	 <ul style="list-style-type: none"> <li>• Antes de compartilhar alguma informação nas redes sociais, você verifica a sua veracidade?</li> <li>• Você reflete sobre quem pode ver o seu comentário ou a sua curtida em algum a publicação?</li> <li>• Você utiliza as configurações de privacidade das suas redes sociais?</li> </ul>
4 <sup>a</sup>	<p>TEMA: <b>CONTEÚDO VIRAL</b></p> 	 <ul style="list-style-type: none"> <li>• Você compartilha ou já compartilhou algum conteúdo viral?</li> <li>• Quais são as características, para você, de um conteúdo que possa se espalhar na rede rapidamente?</li> </ul>
5 <sup>a</sup>	<p>TEMA: <b>MEME</b></p> 	 <ul style="list-style-type: none"> <li>• Você acredita que todo meme é inofensivo?</li> <li>• Você divulgaria um meme com o rosto de alguém ou com a marca de alguma empresa?</li> <li>• Já parou para pensar quem pode ser a pessoa por trás de alguma piada, e como isso pode atingi-la?</li> </ul>
6 <sup>a</sup>	<p>TEMA: <b>BOLHA INFORMACIONAL</b></p> 	 <ul style="list-style-type: none"> <li>• Você já percebeu que as postagens que aparecem na sua rede refletem tudo o que você acredita? Pensamentos, opiniões, crenças, hábitos...</li> <li>• Qual o perigo de se ter contato apenas com pensamentos semelhantes aos seus?</li> <li>• Como é possível sair da bolha informacional?</li> </ul>
7 <sup>a</sup>	<p>TEMA: <b>CONTEÚDO PATROCINADO</b></p> 	 <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ao ler algum veículo de comunicação, você procura observar se há algum patrocínio de empresa por trás daquela informação?</li> <li>• Você já leu alguma matéria sem perceber que tratava-se de publicidade?</li> </ul>

8ª	<p>TEMA: <b>INFLUENCIADORES DIGITAIS</b></p> 	 <ul style="list-style-type: none"> <li>• Para você, qual o poder os influenciadores digitais exercem sob o público na internet?</li> <li>• Você já observou se eles deixam claro quando estão fazendo publicidade de algum produto ou serviço?</li> <li>• Você acredita que os influenciadores que se dirigem ao público jovem e infantil exercem um poder bom ou ruim? Relate os aspectos positivos e negativos.</li> </ul>
9ª	<p>TEMA: <b>EDIÇÃO DE MÍDIAS</b></p> 	 <ul style="list-style-type: none"> <li>• Para você, qual é a diferença entre editar e manipular uma informação?</li> <li>• Você acha admissível manipular fotos de notícias e fotos de modelos?</li> <li>• Qual seria a gravidade e a diferença entre as duas situações acima?</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

**4ª) Atividade Leitura crítica de imagens:** O professor mostra aos alunos uma parte de uma imagem como se fosse inteira e questiona-os sobre o que eles veem. Na sequência, mostra a imagem inteira e repete a pergunta. O debate será baseado no fato de nossas percepções serem alteradas de acordo com as informações que temos disponíveis e que as imagens, tais como textos verbais, também nos transmitem informações e precisam ser lidas.

**5ª) Atividade Produção de infoprodutos:** O professor solicita aos alunos, a partir de um tema de determinada disciplina, a criação de diversas mídias. Os alunos irão aprender a estruturar um roteiro através de pergunta disparadora, escolher fontes de pesquisa confiáveis, desenvolver uma narrativa fundamentada em evidências e ao final transpor para um formato audiovisual. Durante o processo, irão aprender novas habilidades como: a fazer buscas, avaliar fontes, pensar criticamente sobre mídia e exercitar o trabalho em colaboração. Essas habilidades são fundamentais em um mundo conectado pela internet (HEINSFELD; PISCHETOLA, 2017) e que a cada dia aumenta a avalanche informacional.

Estes foram alguns exemplos de aplicação prática de como combater as *fake news*, mas é fundamental o estímulo à pesquisa em mídias de vários formatos para criar repertórios e apoiar os alunos no uso de diversas linguagens. Também se faz necessário incentivar os alunos a investigarem a fonte das informações, utilizando conteúdos de divulgações científicas que encaminhem para as fontes primárias dos dados, lembrando que atualmente existem várias possibilidades de mídias que podem ser usadas pelos professores que permitam aos indivíduos a apropriação das linguagens utilizadas nas mídias, para que leiam e produzam conteúdo com criticidade. Dessa forma, é possível evitar a propagação de *fake news* (SOARES, 2011).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No final deste estudo, foi possível responder à pergunta que originou esta pesquisa como o professor pode auxiliar o aluno a lidar com a infodemia? A resposta é que é preciso desenvolver nos alunos um senso crítico em relação às informações que os cercam, por meio de práticas pedagógicas que os auxiliem a identificar uma *fake news*, levando para a sala de aula o debate sobre essas falsas notícias e o que elas podem acarretar.

Nos dias atuais, essas práticas são fundamentais, principalmente porque os alunos que já usavam as TDIC, agora devido à pandemia da COVID-19 que suspenderam as aulas presenciais e começaram a ser ofertadas a distância por meio da internet, tiveram esse uso potencializado. Eles vivem conectados e estão expostos a todo tipo de informações, que cada vez mais surgem em um grande volume. Infelizmente nem todas as fontes dessas informações são seguras e o que se tem visto é o crescimento das *fake news*.

Vale reforçar, portanto, a importância da educação midiática que abrange o desenvolvimento de competências para combater a desinformação e ao mesmo tempo possibilita criar um ceticismo saudável, pois a escola é o ambiente que forma cidadãos midiáticos, onde os alunos constroem a relação com o conhecimento e a informação. Destacando que “[...] o contexto educacional demanda mudanças na prática educativa dos docentes, pois o mundo é dinâmico” (BLASZKO et al., 2021, p. 6).

Para finalizar, este artigo mostrou que a partir de 12 dicas para identificar uma *fake news*, pode-se realizar diferentes atividades pedagógicas que ajudam os alunos a terem cuidados e senso crítico frente a uma nova informação e, assim, conseguirem identificar as falsas notícias. Deste modo, estimulando a leitura crítica e o uso consciente das mídias, acredita-se que este estudo pode contribuir para que a propagação dessas notícias seja minimizada.

GROSSI, M. G. R.; LEAL, D. C. C. C.; SILVA, M. F. Media education, digital culture and fake news in times of pandemic. Marília, v. 22, p. 179-198, 2021, Edição Especial 2.

**ABSTRACT:** Faced with the need for teachers to help students deal with infodemia, since classrooms are currently embedded in a digital culture, a survey was carried out with the objective of presenting the possibilities of developing a critical sense in students in relation to the information that surrounds them. To this end, in 2021 a survey with a qualitative approach was carried out. According to the objective outlined, the type of research was descriptive. As for the technical procedures, it was opted for bibliographic and documental research. The results reveal the importance of media education, which encompasses the development of skills to combat misinformation and, at the same time, allows for a healthy skepticism, as the school is the environment

that forms media citizens, where students build the relationship with knowledge and the information. Based on this need, this article presents 12 tips to identify fake news and suggests five educational activities that help identify these fake news.

**KEYWORDS:** Media Education. Digital Culture. Fake News.

## REFERÊNCIAS

ABU-FADIL, Magda. Combatting disinformation and misinformation through Media and Information Literacy (MIL). In: IRETON, Cherilyn; POSETTI, Julie. *Journalism, 'Fake News' & Disinformation: handbook for Journalism Education and Training*. Paris: UNESCO, 2018.

BAGO, Bence; RAND, David G., PENNYCOOK, Gordon. Fake news, fast and slow: Deliberation reduces belief in false (but not true) news headlines. *Journal of Experimental Psychology: General*, v. 49, n. 8, p.1608–1613, 2020. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2020-00479-001>. Acesso em: 27 mar. 2021.

BLASZKO, Caroline Elizabel; CLARO, Ana Lúcia de Araújo; UJIIE. Nájela Tavares. A contribuição das metodologias ativas para a prática pedagógica dos professores universitários. *Educação & Formação*, Fortaleza, v. 6, n. 2, e3908, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/3908/3952>. Acesso em: 27 mar. 2021.

BORTOLAZZO, Sandro. O lugar da educação na cultura digital: esboços de crianças e jovens digitais. *Textura*, Canoas, v. 20, n. 44, p. 27-44, set/dez. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: Educação é base*. 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf). Acesso em: 27 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. 1998. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf). Acesso em: 27 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. *Todo ser humano tem direito à liberdade de expressão e opinião*. 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/novembro/artigo-19deg-todo-ser-humano-tem-direito-a-liberdade-de-expressao-e-opiniao-1>. Acesso em: 22 jun. 2021.

BUCKINGHAM, David. *The media education manifesto*. Cambridge, UK; Medford, MA, USA: Polity Press, 2019.

CANETTIERI, Mariana Kurotus; PARANAHYBA, Jordana de Castro Balduino; SANTOS, Soraya Vieira. Habilidades socioemocionais: da BNCC às salas de aula. *Educação & Formação*, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. e4406, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/4406>. Acesso em: 30 jun. 2021.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Trad Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAVALCANTE, Pedro. *A questão da desigualdade no Brasil: como estamos, como a população pensa e o que precisamos fazer*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. 2020. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10263/1/td\\_2593.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10263/1/td_2593.pdf). Acesso em: 14 jun. 2021.

EDUCAMÍDIA. *Guia da Educação Midiática*. 2021. Disponível em: <https://educamidia.org.br/guia>. Acesso em: 05 mar. 2021.

FRIAS FILHO, Otávio. O que é falso sobre fake news. *Revista USP*, São Paulo, n. 116, p.39-44, 2018.

GADOTTI, Moacir. *Reinventando Freire: a práxis do Instituto Paulo Freire*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro. Usar tecnologias digitais nas aulas remotas durante a pandemia da COVID-19? Sim, mas quais e como usar? *Olhar de professor*, Ponta Grossa, v. 24, p. 1-12, 2021. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/15879>>. Acesso em: 22 jun. 2021.

HEINSFELD, Bruna Damiana; PISCHETOLA, Magda. Cultura digital e educação, uma leitura dos estudos culturais sobre os desafios da contemporaneidade. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 12, n. esp. 2, p. 1349-1371, ago. 2017.

HOBBS, Renee; JENSEN, Amy. The Past, Present, and Future of Media Literacy Education. *Journal of Media Literacy Education*, v. 1. n. 1, p. 1-11, 2009. Disponível em: <<https://digitalcommons.uri.edu/jmlc/vol1/iss1/1/>>. Acesso em: 23 set. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *PNAD Contínua 2018 - Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal*. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101705\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101705_informativo.pdf)>. Acesso em: 22 set. 2020.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: 34, 1999.

MANDELLI, Mariana. *Sociedade conectada tem novas práticas de ensinar e aprender*. 2019. Disponível em: <https://educamidia.org.br/sociedade-conectada-tem-novas-praticas-de-ensinar-e-aprender/>. Acesso em 14 jun. 2021.

MORAN, José. Metodologias ativas e modelos híbridos na educação. In: YAEGASHI, Solange e outros. (orgs.). *Novas Tecnologias Digitais: Reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento*. CRV, p. 23-35, 2017, Curitiba. Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2018/03/Metodologias\\_Ativas.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2018/03/Metodologias_Ativas.pdf). Acesso em: 22 set. 2020.

MURPHY, Gillian; LOFTUS, Elizabeth F.; GRADY, Rebecca Hofstein. *False Memories for Fake News During Ireland's Abortion Referendum*. 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0956797619864887>. Acesso em: 27 mar. 2021.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. *Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19*. 2020. Disponível em: [https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic\\_por.pdf?sequence=14](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14). Acesso em: 23 set. 2020.

OXFORD DICTIONARIES. *Word of the Year 2016*. 2016. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>. Acesso em: 22 fev. 2021.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio*. São Paulo: Paulinas, 2011.

SORJ, Bernardo. NOUJAIM, Alice. *Corações e mentes: pensando de forma autônoma fora e dentro da internet*. 2021. Disponível em: [https://www.coracoementes.org.br/download/Coracoes\\_e\\_Mentes\\_completo.pdf](https://www.coracoementes.org.br/download/Coracoes_e_Mentes_completo.pdf). Acesso em: 30 mar. 2021.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. *Communication and information*. 2017. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/communication-and-information/capacity-building-tools/media-and-information-literacy/>. Acesso em: 25 set. 2020.

VATTINO, Edoardo Fillipo de Queiroz. Humanidade posta à prova. *Revista Ser Médico*, São Paulo, n. 90, Ano XXI, jan./mar. 2020.

ZAROCOSTAS, John. How to fight an infodemic. *The Lancet*, v. 395, n. 10.225, p. 676, 2020.

---

Recebido em: 06/07/2021.

Aprovado em: 09/11/2021.

